

IX Congresso Brasileiro de Sistemas Agroflorestais Ilhéus, BA, 14 a 18 de Outubro de 2013

METODOLOGIAS PARTICIPATIVAS NA COMPREENSÃO DO CAPITAL SOCIAL EM COMUNIDADES RURAIS NO NORDESTE PARAENSE

ANDRADE, Josiele Pantoja de, Universidade Federal Rural da Amazônia, josiele.andrade@yahoo.com.br; **LOPES FILHO, Wagner Romulo Lima**, Universidade Federal Rural da Amazônia, wagnerfilho_07@hotmail.com; **ALMEIDA, Ruth Helena Cristo**, Universidade Federal Rural da Amazônia, ruth.almeida@ufr.edu.br; **KATO, Osvaldo Ryohei**, Embrapa Amazônia Oriental, osvaldo.kato@embrapa.br; **MATOS, Lucilda Maria Sousa de**, Embrapa Amazônia Oriental, lucilda.matos@embrapa.br; **AZEVEDO, Célia Maria Braga Calandrini de**, Embrapa Amazônia Oriental, celia.azevedo@embrapa.br; **MATOS, Grimoaldo Bandeira de**, Embrapa Amazônia Oriental, grimoaldo.matos@embrapa.br; **FERREIRA, Josie Helen Oliveira**, Fundação Amazônia Paraense, josiehelen@hotmail.com;

RESUMO: É essencial o estudo mais aprofundado das variáveis sociais que circundam as comunidades rurais, remetendo uma abordagem multidimensional aos sistemas, cujas contribuições vão além de aspectos meramente tecnológicos ou agrônômicos. O objetivo deste trabalho é analisar a utilização de metodologias participativas, como forma de compreender os processos das relações das comunidades parceiras ao projeto Tipitamba com atores institucionais e qual a importância dessas relações para o capital social das comunidades. O estudo baseou-se na combinação de métodos participativos como oficina; diagrama de Veen; conversas com a comunidade sobre como a pesquisa seria realizada; relato das percepções dos agricultores e entrevistas as quais foram norteadas pelo Questionário Integrado para Medir Capital Social – QI MCS, proposto por Grootaert *et. al.* (2003), com algumas adaptações a fim de adequá-la aos objetivos da pesquisa e a realidade das comunidades analisadas. As entrevistas semi-estruturadas permitiram analisar dados quantitativos e qualitativos a cerca das dimensões do capital social, dentre os dados quantitativos coletados nas entrevistas está a interação das associações com outros grupos ou instituições, evidenciou-se que existem associações em que o nível de interação com instituições ou grupos com objetivos semelhantes é maior e outras que essa interação é quase inexistente. O Diagrama de Venn se mostrou uma importante ferramenta para que os agricultores pudessem visualizar como estão as relações das comunidades com atores internos e externos, além disso, reconhecerem a importância destes fatores nos processos de decisão e desenvolvimento comunitário.

Palavras-chave: Capital social; metodologia participativa; atores institucionais; comunidades rurais; Igarapé Açu.

INTRODUÇÃO

O capital social é um conceito que considera as características culturais de existência, confiança, reciprocidade e solidariedade na sociedade civil, vitais para o aperfeiçoamento da democracia das comunidades, das pessoas e da sociedade política (PUTNAM, 2002).

Nesse contexto, a Embrapa Amazônia Oriental por meio do projeto Tipitamba, busca alternativas ao uso do fogo na agricultura, por meio do preparo de área com o sistema de corte e trituração da vegetação secundária (capoeira) e com a implantação de sistemas agroflorestais, em propriedades de agricultores familiares do nordeste paraense, buscando também aspectos relacionados à organização das comunidades que trabalham junto ao projeto, para isto o projeto trabalha ações participativas junto aos agricultores parceiros das comunidades rurais.

O enfoque participativo é um insumo, uma postura, uma necessidade para o diagnóstico da realidade. Esse tipo de abordagem é tão importante quanto conhecer os aspectos técnicos do local. A participação deve ser vista como uma necessidade do homem auto-afirmar-se, de criar e interagir (VERDEJO, 2010).

O objetivo deste trabalho é analisar a utilização de metodologias participativas visando a compreensão dos processos das relações das comunidades parceiras dos projetos Tipitamba e Raízes da Terra, com atores institucionais, e qual a importância dessas relações para o capital social das comunidades.

MATERIAIS E MÉTODOS

Este trabalho faz parte do estudo “Avaliação do capital social e sua importância para o projeto Tipitamba/Embrapa Amazônia Oriental: estudo de caso em comunidades do nordeste paraense”, que surgiu como proposta para analisar o capital social em comunidades que trabalham sistemas de produção de corte e trituração com consolidação de sistemas agroflorestais.

O estudo baseou-se na combinação de métodos participativos como oficina; diagrama de Veen; conversas com a comunidade sobre como a pesquisa seria realizada; relato das percepções dos agricultores e entrevistas, as quais foram norteadas pelo Questionário Integrado para Medir Capital Social – QI MCS, proposto por Grootaert *et. al.* (2003), com algumas adaptações a fim de adequá-las aos objetivos da pesquisa e a realidade das comunidades analisadas.

As entrevistas foram compostas de uma amostra de 32 agricultores familiares distribuídos entre às comunidades de São João (12 agricultores), Nova Olinda (8 agricultores), Nossa Senhora do Rosário (4 agricultores), Novo Brasil e Nossa Senhora Aparecida (8 agricultores), localizadas nos municípios de Igarapé-Açu e Marapanim, nordeste paraense, no período de novembro a dezembro de 2012. As comunidades fazem parte do projeto Raízes da Terra, em parceria com o projeto Tipitamba, da Embrapa Amazônia Oriental.

A oficina foi realizada na Comunidade Novo Brasil, município de Igarapé Açu, em maio de 2013, contou com uma amostra de 20 agricultores pertencente às comunidades em estudo. Para esta, seguiu-se a metodologia Participativa com o intuito de conhecer quais as instituições que interagem com as comunidades e o levantamento de políticas públicas. A equipe mediadora da oficina era composta de agrônomos, florestais, sociólogos e biblioteconomista, que se reuniram anteriormente para fixar a ferramenta participativa Diagrama de Venn, que de acordo com Verdejo (2010), serve para identificar os grupos organizados da comunidade e as relações que estes têm entre si e com outras instituições locais e regionais fora da comunidade.

O roteiro da oficina constou de (a) Boas vindas, (b) Apresentação do trabalho de pesquisa “Estudo do capital social nas comunidades parceiras do projeto Tipitamba”, (c) Socialização dos resultados parciais da pesquisa de campo dos QI MCS, (d) Abertura para perguntas e sugestões, (e) intervalo, (f) Aplicação do Diagrama de Venn, (g) Socialização dos resultados obtidos pelos grupos, (h) Avaliação da oficina e (i) almoço.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As entrevistas semi-estruturadas permitiram dados quantitativos e qualitativos a cerca das dimensões do capital social sobre: grupos e redes; confiança e solidariedade, ação coletiva e cooperação, informação e comunicação, coesão e inclusão social, autoridade (ou capacitação) e ação política por parte dos agricultores parceiros do projeto Tipitamba e suas famílias, que contribuíram para análise e compreensão do capital social de cada comunidade.

Dentre os dados quantitativos coletados nas entrevistas está à interação das associações com outros grupos ou instituições, evidenciou-se que existem associações em que o nível de interação de interação com instituições ou grupos com objetivos semelhantes é maior e outras que essa interação é quase inexistente, como mostra a tabela 1. De acordo com Schmidt (2009), essa interação pode ser entendida como facilitadora nos processos de acesso a bens e serviços e outras formas de capital, bem como contribuir para o desenvolvimento rural.

Tabela 1. Percentual de interação das associações com instituições ou organizações com objetivo semelhante.

Nível de interação das comunidades com instituições ou grupos			
Associações	Não	Sim, de vez em quando	Sim, frequentemente

Nova Olinda	12,5%	25%	62,5%
São João	16,7%	50%	33,3%
Novo Brasil e Aparecida	25%	37,5%	37,5%
Nossa Senhora do Rosário	75%	0%	25%

Kahwage (2006), em um estudo semelhante evidenciou nas comunidades de Cumaru e Nova Olinda, que os grupos sociais quase não possuíam articulações e comunicações com outros grupos de outras comunidades ou instituições. De uma forma geral o comportamento destes grupos reflete um padrão de sociabilidade, voltado extremamente para o âmbito doméstico.

Para completar o entendimento acerca do assunto às observações feitas pelos agricultores foram consideradas no estudo, dentro as questões mais citadas nas falas dos agricultores está a necessidade de melhorar os níveis de organização das associações, bem como a importância dos agricultores atuarem diretamente nas discussões e implementação de projetos de pesquisas nas comunidades, essas percepções só reafirmaram os dados coletados nas entrevistas e na oficina. De acordo com Marconi e Lakatos (2003), é importante durante a entrevista também deve considerar certa informalidade, intercalando questões mais fechadas e direcionadas com argumentações mais abertas.

No sentido de completar os resultados obtidos nas entrevistas acerca do capital social, assim como apresentá-los aos agricultores, a oficina como ferramenta de diálogo entre agricultores, pesquisadores, professores e estudantes mostra-se como um espaço de aprendizagem conjunta e socialização, onde a comunidade participa como os principais atores do processo de construção da pesquisa.

Assim, um dos produtos da oficina construído pelos agricultores está o Diagrama de Venn, que foi socializado durante a oficina por agricultores, onde estes além de mostrarem o grau de importância das instituições e a distância em relação à comunidade expuseram os motivos de algumas instituições serem mais presentes e a necessidade de aproximação com outras instituições, conforme figura 1.

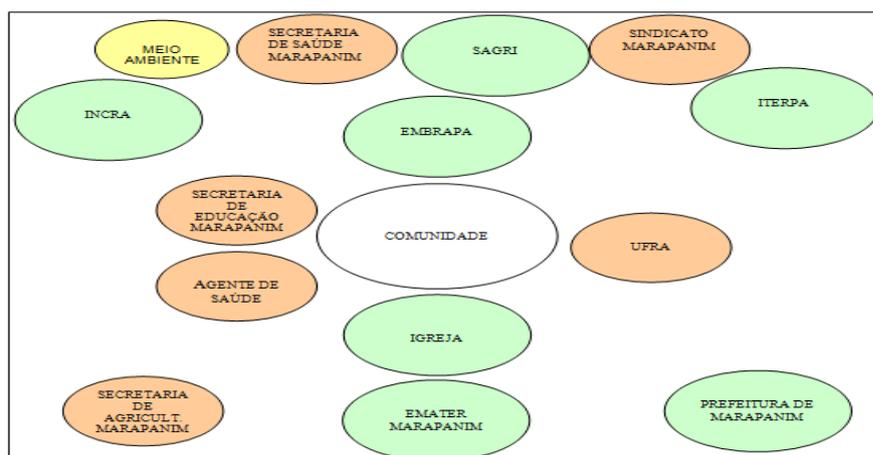


Figura 1. Diagrama construído por agricultores parceiros do Tipitamba em oficina participativa.

As instituições que desenvolvem atividades constantes nas comunidades são as que estão mais próximas da comunidade, isso é evidenciado com Embrapa Amazônia Oriental, que devido à atuação do projeto Tipitamba com a tecnologia de corte e trituração com consolidação de sistemas agroflorestais, oficinas, palestras, diversos projetos de desenvolvimento sustentável vem construindo relações de confiança com as comunidades. Assim como, a Universidade Federal rural da Amazônia-UFRA, pois possui parceria com os agricultores como feira do produtor, oficinas e projetos com agricultura orgânica. Bem como, atores internos como a igreja e o agente de saúde, isso é justificado pelo fato destes atores estarem sempre presentes nas comunidades.

O Diagrama de Venn se mostrou uma importante ferramenta para que os agricultores pudessem visualizar como estão as relações das comunidades com atores internos e externos, além disso, reconhecerem a importância destes fatores nos processos de decisão e desenvolvimento comunitário. Que para Bourdieu (1980), as redes duráveis de relações mais ou menos institucionalizadas de conhecimento e reconhecimento contribuem para potencializar o capital.

CONCLUSÃO

A utilização de metodologia participativas no estudo em questão foi essencial para permitir a inclusão dos agricultores parceiros dos projetos Tipitamba e Raízes da Terra como parte do processo, além de que, suas percepções foram essenciais para explicar resultados do QI MCS. Observamos que os espaços como oficinas participativas são essenciais para que mediadores e atores do processo possam criar alternativas e soluções para alcançarem o desenvolvimento rural.

Seria importante que as comunidades se articulem mais para interagir com outras instituições das quais ainda existe distanciamento porque, a construção de redes organizacionais contribui para desenvolver a habilidade de trabalhar cooperativamente para a promoção de ganhos produtivos mútuos, contribuindo para o acúmulo de capital social.

É essencial o estudo mais aprofundado das variáveis sociais que circundam as comunidades rurais, remetendo uma abordagem multidimensional aos sistemas de produção pela pesquisa científica, cujas contribuições vão além de aspectos meramente tecnológicos ou agrônômicos, sendo necessário um estudo holístico, incorporando dimensões mais amplas e complexas, que incluam tanto variáveis econômicas, ambientais, como variáveis culturais, políticas, organizacionais, sociais e éticas.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. Le Capital social: notes provisoires. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, n.31, p. 2-3. jan. 1980

GROOTAERT, C. et al. **Questionário integrado para medir capital social (QI-MCS) (Integrated Questionnaire for the Measurement of Social Capital) (SC-IQ)**. Banco Mundial Grupo Temático sobre Capital Social, 2003. 73p.

KAHWAGE, C. Campesinato e capital social comunitário em Igarapé-Açu. In: COSTA, Francisco de Assis; HURTIENE, Thomas; KAHWAGE, Cláudia (Org.). **Inovação e difusão tecnológica para a agricultura familiar sustentável na Amazônia Oriental: resultados e implicações no projeto SHIFT socioeconomia**. Belém: UFPA/NAEA, 2006. p. 225-262.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

PUTNAM, Robert. **Comunidade e democracia: a experiência da Itália Moderna**. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

VERDEJO, M.E. **Diagnóstico rural participativo: guia prático DRP**. Brasília:MDA/Secretaria da Agricultura Familiar, 2010, 62p.

SCHMIDT, João Pedro. Exclusão, inclusão e capital social: o capital social: o capital social nas ações de inclusão. In: Leal, R.; REIS, R.G. **Direitos sociais e políticas públicas** 6. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2009, p. 1755-1786.